

## Nivelamento – Língua Portuguesa

### Aula 10.2

**Prof.: Amanda Fratea de Lucca**

**Duração: 16:42**

Olá! Tudo bem?

Você está pronto para mais uma aula de Nivelamento de Língua Portuguesa?

Hoje, daremos continuidade ao assunto que tratamos na aula anterior sobre noções de variação linguística.

Nesta aula, nós iremos estudar variedade, e adequação; entender o que é registro; rever a norma culta ou língua padrão e língua não padrão; e ver as diferenças entre a modalidade falada e a modalidade escrita.

Variedade e adequação

Uma mesma pessoa tem comportamentos linguísticos diferentes, dependendo da situação em que se encontra, não é mesmo? Eis alguns fatores que influem na escolha das palavras e estruturas que nós usamos para conversar com outra pessoa.

- Quem é o interlocutor, ou seja, quem é a pessoa a quem nos dirigimos? É um adulto? É uma criança? É uma autoridade?
- Qual é o grau de intimidade que eu tenho com essa pessoa que eu estou dialogando? É um grau de

cerimônia? É um grau de amizade, de intimidade?

- Como está minha situação emocional? Por incrível que pareça isso, também, vai influenciar em como nós nos colocamos. Eu estou normal, apressado, preocupado, zangado?
- Que objetivo eu tenho ao me comunicar com ele (o interlocutor)? Eu tenho que convencê-lo de alguma coisa? Tenho que pedir alguma coisa? Consolar, informar? Entre outros aspectos.

Assim, usamos uma variedade linguística para cada situação. Escrever ou falar bem é, justamente, dominar o maior número possível de variedades linguísticas e saber empregá-las na situação e no momento adequado.

“O falante deve ser um poliglota dentro de sua própria língua”, diz Evanildo Bechara, ou seja, você tem que saber falar de várias formas diferentes conforme requer a situação.

Há ocasiões em que, pelo fato da relação entre os interlocutores ser mais informal

ou mais pessoal, fica melhor o emprego da linguagem informal. No entanto, existem situações em que a linguagem formal é a melhor opção. Chamamos de registro a variante linguística condicionada pelo grau de formalidade da situação

Observe os diferentes tipos de registro:

- O médico, cujo diploma foi expedido pela Universidade de Harvard, discursou sobre a importância de executar regularmente o exame preventivo de câncer de próstata. Isso é um registro formal.
- O médico formado em Harvard falou da importância de fazer sempre o exame de próstata para ver se existe câncer. Aqui, já, é mais informal.
- O doutor de Harvard falou que tem que fazer aquele exame que nenhum homem gosta de fazer para evitar o câncer. Aqui, é muito informal.

Agora, vamos falar sobre as variedades cultas.

“Todos nós aprendemos a usar a língua de forma rápida, espontânea e inconsciente”. O uso oral da língua não depende de escolarização, certo?! Você nasce, você já está no ambiente onde, normalmente, os seus pais falam a língua portuguesa e seus amigos falam a língua portuguesa; você cresce com aquilo e aprende de forma espontânea.

O papel da escola e transmitir os padrões referentes ao uso da escrita e da fala em situações formais, porque na sua casa, já, é uma situação informal, levando em consideração as variedades que estudamos na aula anterior.

Esses padrões aprendidos na escola são conhecidos como norma culta ou norma padrão.

A língua padrão ou linguagem culta tem maior prestígio e é usada em situações de maior formalidade; a língua não padrão ou linguagem popular tem menor prestígio e é empregada nas situações coloquiais, de menor formalidade.

Situações coloquiais são situações do dia a dia, são situações usuais; nesse caso, empregamos a linguagem não padrão.

Língua padrão é uma variedade de língua mais valorizada socialmente e, por isso, você deve aprender a usar a língua padrão.

Língua não padrão é uma variedade da língua diferente da padrão. Aqui, você usa com seus amigos, dentro da família. Agora, imagina se você vai conversar com seu chefe, você vai escolher a língua padrão ou a língua não padrão? Você quer continuar na empresa? Então, é bom você usar a língua padrão, não é?

Agora, vamos analisar algumas situações e ver se usaremos a linguagem culta ou a linguagem popular, por exemplo:

- Em palestras, conferências e congressos qual linguagem vamos usar? A culta, obviamente.

- Uma conversa entre amigos ou em família? A linguagem popular.
- Programas culturais e noticiários de TV? Linguagem culta, porque, se não, fica muito chulo. Imagina um programa de televisão onde os repórteres falam uma linguagem muito informal. Não dá!
- Telenovelas? Aí, sim, é uma linguagem popular, porque reflete o nosso dia a dia, reflete a nossa vida, reflete uma situação familiar, reflete uma conversa entre amigos.
- Programas de auditório? Também, linguagem popular, principalmente, porque é um programa que está sendo gravado ao vivo normalmente.
- Irradiação de futebol? Também, é uma linguagem popular.
- E a piada? Muito popular, né?!

Vamos ver alguns exemplos de linguagem culta e linguagem popular.

Na linguagem culta, há indicação precisa das marcas de gênero, número e pessoa. Tudo funciona direito, por exemplo: vou buscar uns papéis importantes. Então, veja que o número, todo certo (papéis importantes), o plural, a concordância tudo certo.

Agora, na linguagem popular, nós temos economia nas marcas de gênero, número e pessoa, por exemplo: vou buscar uns papel importante aí. Essa linguagem é uma linguagem popular e está errada,

então, vamos tentar falar o mais correto possível que fica melhor.

Na linguagem culta, a correlação verbal entre tempos e modos é, também, observada, por exemplo: se soubesse de alguma coisa, contaria tudo. Esse é o tempo verbal empregado de forma correta.

Agora, na linguagem popular, não existe essa correlação verbal entre os tempos que estamos usando, por exemplo: se eu soubesse de alguma coisa, contava tudo. É assim que a gente fala, não é?

Maior utilização da voz passiva na linguagem culta, por exemplo: ele foi atropelado por uma bicicleta.

Agora, na linguagem popular a gente usa mais a voz ativa em lugar da passiva: uma bicicleta pegou ele.

Emprego dos pronomes do caso oblíquo que quase ninguém usa, é o o, a, os, as, me, mim comigo, te, ti, contigo, lembra? Eu a encontrei ontem. Mas você fala assim? Não. Você vai falar encontrei ela ontem. Então, a gente não usa os pronomes oblíquos, normalmente, na linguagem popular, a gente usa mais os pronomes pessoais do caso reto: eu, ele, ela, tu.

Agora, vamos falar sobre a modalidade falada e a modalidade escrita. Você fala do mesmo jeito que escreve ou você escreve do mesmo jeito que fala? Não!

Passados tantos séculos de uso da escrita, vemos que a linguagem escrita, longe de ser apenas um registro da modalidade

oral, desenvolveu suas próprias características.

Vamos ver, especificamente, agora, a fala.

Na fala, com o interlocutor quase sempre presente, a gente tem o diálogo. A reação do outro faz o falante mudar, frequentemente, o rumo que pretende seguir; faz-se correções, muda-se o assunto, de acordo com a expressão fisionômica do interlocutor. Então, se você está falando de alguma coisa, e a pessoa que está ouvindo não gosta você já vai falar: “Hum, deixa eu mudar de assunto.” Você está vendo a pessoa ali na sua frente naquele momento, não é?

O próprio falante complementa o que diz com gestos, expressões faciais, entonações: “não me diga, foi”? Então, aí, você tem a leitura de vários gestos, de expressões faciais que você pode interpretar junto com a fala, e elas vão modificar o que tinha planejado para dizer de acordo com esses sinais que o interlocutor lhe dá, economizando palavras supérfluas.

A seguinte frase é típica da linguagem falada, mas não dá certo na escrita. Por quê? Veja:

Preciso de um barbante desse tamanho. E, aí, você, vai comprar o barbante de qual tamanho? Então, não dá para você escrever isso, agora dá para você falar: Preciso de um barbante desse tamanho, desse tamanho, desse tamanho. Então, você está fazendo um gesto para complementar a sua falha, e já fica perfeitamente entendido.

Na fala há, ainda, a própria situação que possibilita o uso de palavras, como aqui, esta janela, aquele ônibus, não é? Nessa aula, então, nessa aula, que aula? Aula que estamos tendo nesse momento.

Além disso, quando falamos, precisamos contar com a memória limitada do interlocutor. Assim, por várias vezes, precisamos retomar, repetir, destacar, para aumentar a clareza e a compreensão. No nosso caso, eu não preciso repetir muito, porque você pode voltar os *slides*, voltar os vídeos, não é verdade?

Resumindo, algumas características gerais da fala:

- O interlocutor está quase sempre presente então. Então, lembrando que o interlocutor é aquele com quem você fala;
- Auxílio de gestos e expressões faciais;
- Mudança de entonação e volume;
- Emissor e receptor estão vivendo a mesma situação;
- E está sujeito à memória do receptor, por isso, é preciso retomar, repetir e destacar.

Agora, e a escrita, será que muda muito com relação à fala? Bem, na escrita, sim, tudo vai mudar de figura: o interlocutor (leitor) não está presente, não interrompe, não questiona. Não podemos ver em sua fisionomia a reação à mensagem, por isso, a necessidade de clareza. Mas, o leitor pode reler, assim, não é preciso repetir tanto; então, você não entendeu uma passagem, você lê

mais uma vez para tentar entender na segunda vez, na terceira vez que você faz a leitura.

As repetições que, na fala, ninguém percebe ficam deselegantes na escrita, então, a gente tem que evitar repetição na escrita. Além de escolher um vocabulário mais variado, para você justamente evitar repetição, é preciso, ainda, torná-lo específico, pois não temos os recursos dos gestos, expressões faciais ou modulações na voz para complementar o sentido de que pretendemos com o contexto. Para isso, nós usamos, também, os sinais de pontuação, que vimos na aula anterior. Você se lembra?

Na modalidade falada podemos usar uma frase como: ele me olhou assim ou ele me olhou assim.

Na escrita, o equivalente seria ele me olhou com uma cara feia, não? Então você pode fazer um gesto. Quando você fala assim, você já mostra como ele falou; na escrita, você tem que detalhar a forma como ele olhou. Aqui, está uma frase simples, né? Em alguns casos, a pessoa detalha mais ainda como a pessoa olhou para ela.

A sociedade em que vivemos é centrada na escrita. Graças a ela nós podemos dispor da herança cultural de nossos antepassados e pensar em legar aos nossos descendentes o registro das nossas descobertas, leis, erros e acertos, temores e tentativas de encontrar a felicidade.

Resumindo:

Algumas características gerais da escrita:

- O interlocutor não está presente, então, você escreve, você não tem a pessoa que está lendo ali naquele momento;
- Necessidade de clareza, porque, senão a pessoa não vai entender o que você escreveu;
- Não se usam gestos, expressões faciais, nem diferentes entonações e mudanças de volume da voz, isso fica por conta dos sinais de pontuação;
- As frases podem ser mais longas, mais sofisticadas;
- O receptor pode ler, logo, não é preciso repetir; lembrando que a repetição, dentro da escrita, não fica legal;
- O vocabulário pode ser variado e específico.

E vamos ao desafio da aula de hoje.

Considerando as diferenças entre língua oral e língua escrita, qual opção representa uma inadequação da linguagem utilizada nos textos abaixo?

- a) O carro bateu e capotô, mas num deu para ver direito. Aqui, é um pedestre que viu um acidente e comenta com o outro que está passando.
- b) E aí, ô meu! Como vai essa força? – Jovem que fala com um amigo.
- c) Só um momento, por favor. Eu gostaria de fazer uma observação. – Alguém que fala em uma reunião de trabalho.

- d) Venho manifestar meu interesse em candidatar-me ao cargo de secretária executiva desta conceituada empresa. – Alguém que escreve uma carta candidatando-se a uma vaga.
- e) Porque a gente não resolve as coisas, a gente corre o risco de termos muito pouca comida nos lares brasileiros. – Aqui, um professor universitário em congresso internacional.

E, então, qual dessas alternativas contém uma inadequação da linguagem?

Vou dar um tempo para você pensar!  
Tempo!

Muito bem! Se você escolheu alternativa a você errou, porque essa frase está certinha de acordo com o contexto em que ela acontece.

A alternativa que tem essa inadequação é a e. Imagina um professor universitário falando em congresso internacional desse jeito: porque a gente não resolve as coisas, a gente corre o risco de termos muito pouca comida nos lares brasileiros. Está totalmente inadequado, não é? Tem que melhorar um pouquinho aí.

Bem, se você quiser estudar um pouco mais a respeito de linguagem oral, linguagem escrita, adequação, você pode consultar o material que disponibilizei, aqui, nas referências bibliográficas.

Espero que você tenha aproveitado bastante as aulas de Nivelamento de Língua Portuguesa.

Foi um prazer estar aqui com você e espero nos encontrarmos em outra oportunidade!

Até mais!

UMC